

PEDROSA, Adriano. Belo Horizonte: Museu de Arte da Pampulha, 2002. Folder de exposição [exhibition folder].

A organização (da natureza, da cultura) talvez seja a tarefa-síntese da modernidade. As manifestações mais concretas e cabais dessa atividade, com raízes profundamente iluministas e caráter assustadoramente obsessivo e totalizante, são conhecidas por todos nós: a biblioteca, o museu, a enciclopédia, o dicionário. Tais instituições colecionam, conservam, organizam, classificam, definem e interpretam um variado espectro de objetos, sejam eles menos palpáveis (as palavras), sejam mais concretos (as coisas). Recentemente, o filósofo francês Jacques Derrida diagnosticou certa febre ameaçadora e contagiante nesse espírito: o mal d'archive.

Rosângela Rennó vem especulando de forma crítica e poética sobre o arquivo desde o final dos anos 1980. Seu interesse reside naquela manifestação tão especial quanto mundana, a meio caminho entre as palavras e as coisas, comum à alta e à baixa cultura: a fotografia. Rosângela, porém, é uma fotógrafa que (quase) não fotografa, uma atitude que parece se fundar na constatação do excesso de imagens que a todo segundo inundam o mundo. Esta é a primeira grande exposição panorâmica da artista, reunindo trabalhos realizados desde 1990 até seu mais recente projeto, produzido com o auxílio do Museu e aqui exibido pela primeira vez: *Bibliotheca* (2002).

Desde suas primeiras obras, mais objetuais, anunciava-se o interesse de Rosângela, algo que Paulo Herkenhoff denominou "retrato crítico da fotografia". Pela fotografia, eram ressemantizados seus aspectos político (*Paz Armada*, 1990/92), doméstico (*Private Collection*, 1992/95), amoroso (*As Afinidades Eletivas*, 1990), semântico (*Private Eye*, 1992/95) e de gênero (*Os Homens São Todos Iguais*, 1990) de forma precisa, irônica e ambivalente.

Diante do excesso de imagens no mundo, Rosângela opta por debruçar-se sobre aquelas que vagam por ele: álbuns e arquivos perdidos, esquecidos ou rejeitados. Esse é o caso das fotografias produzidas a partir dos arquivos de negativos do Museu Penitenciário Paulista: as séries *Cicatriz* (1996), *Museu Penitenciário/Cicatriz* (1997/98) e *Vulgo* (1998). A noção de cicatriz aqui é posta em jogo de diferentes maneiras: a memória evanescente dos presidiários, o destino incerto de um arquivo de 15 mil negativos, a marca indelével da tatuagem e do encarceramento dos indivíduos e de suas imagens. Outro jogo é estabelecido com o anonimato, e as imagens do arquivo penitenciário que Rosângela amplia e traz ao Museu nunca revelam seus objetos de forma inequívoca: os indivíduos são mantidos quase anônimos a não ser pelas marcas de reconhecimento que são as cicatrizes e precárias inscrições com tinta na pele.

Na *Série Vermelha* (2000) 16 antigas fotografias de homens e crianças trajando uniformes foram colecionadas, recuperadas, ampliadas e transformadas em monocromos vermelhos. Há uma ambivalência entre a pura forma (o monocromo vermelho) e o conteúdo urgente, no qual a cor adere novos significados às imagens (do papel dos militares no Brasil de outros tempos à cor emblemática do socialismo). Em *Espelho Diário* (2001), a artista personifica diferentes personagens baseadas em 133 histórias de mulheres de nome Rosângela. Aqui, Rosângela projeta-se estrategicamente no outro e revigora no vídeo velhos temas da fotografia: o sujeito e o objeto, o retrato e o auto-retrato, o documento e a ficção.

Por fim, *Bibliotheca* talvez seja o mais ambicioso trabalho da artista. Em 37 vitrines e 100 álbuns de fotografia, Rennó revela, esconde e encarcera arquivos fotográficos domésticos de várias origens, apropriadamente mapeados e arquivados para nosso escrutínio. O jogo com a representação é radicalizado com a foto do arquivo da foto e com os comentários deliciosamente minuciosos encontrados no pequeno

arquivo de metal, que coleciona, conserva, organiza, classifica, define e interpreta os álbuns que vemos apenas de lado, e que não nos é permitido tocar, muito menos abrir. A ficha do álbum 36 é reveladora:

“Não há sinais de que o álbum tenha sido utilizado em algum momento de sua longa existência. Poder-se-ia dizer que as páginas permanecem imaculadas, apesar de todas as marcas deixadas pelo tempo. Parece ter sido guardado por décadas, com bastante cuidado, já que foi adquirido com sua caixa original em papelão, ainda que bastante danificado. O que há de significativo e também melancólico, relacionado à existência desse documento, é que ele parece ter sido afetado apenas pela ação do tempo e jamais pelas mãos humanas. Um documento vazio, porém, repleto de significado.”

Uma fotografia vale por mil palavras, mas é impossível escrevê-las com retidão.

— Adriano Pedrosa, curador